

Jacques Lacan

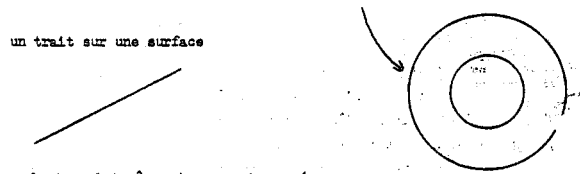
Seminário 25 - o momento de concluir

8 - aula de 14 de março de 1978 - furo e corte

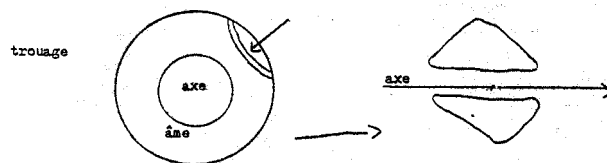
Texto estabelecido e traduzido por Jairo Gerbase em 31/05/00

François Wahl emitiu a meu respeito a imputação de que eu conseguia fazer meu auditório pesquisar. É bem aí que eu devia chegar. Enunciei outrora que "eu não procuro, eu acho". Foram palavras emprestadas a alguém que tinha em seu tempo notoriedade, ou seja o pintor Picasso.

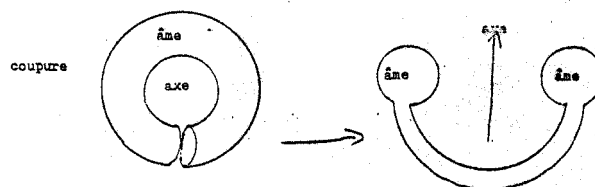
Atualmente eu não acho, eu procuro e algumas pessoas querem voluntariamente me acompanhar nessa pesquisa. Dito de outro modo, não esvaziei, se assim se pode dizer, essas rodinhas de barbante com as quais fazia outrora cadeias borromeanas. Transformei estas cadeias borromeanas não em toros, mas em tecidos tóricos. Dito de outro modo, são toros que portam agora minhas rodinhas de barbante. Isso não é cômodo porque um toro é uma superfície e há duas maneiras de tratar uma superfície. Uma superfície tem traços, e esses traços que parecem estar sobre uma das páginas da superfície, sobre uma das faces da superfície, é atualmente o que incarna, suporta minhas rodinhas de barbante que são sempre borromeanas. Com efeito o toro está no centro desses traços, é fabricado mais ou menos assim e os traços estão na superfície, o que implica que o toro não seja em si borromeano.



Isso é um quadro de Soury [ver página seguinte]; ele distingue dois elementos pelo fato de que o toro pode ser virado. Ele se vira de dois modos porque é furado desde o exterior.

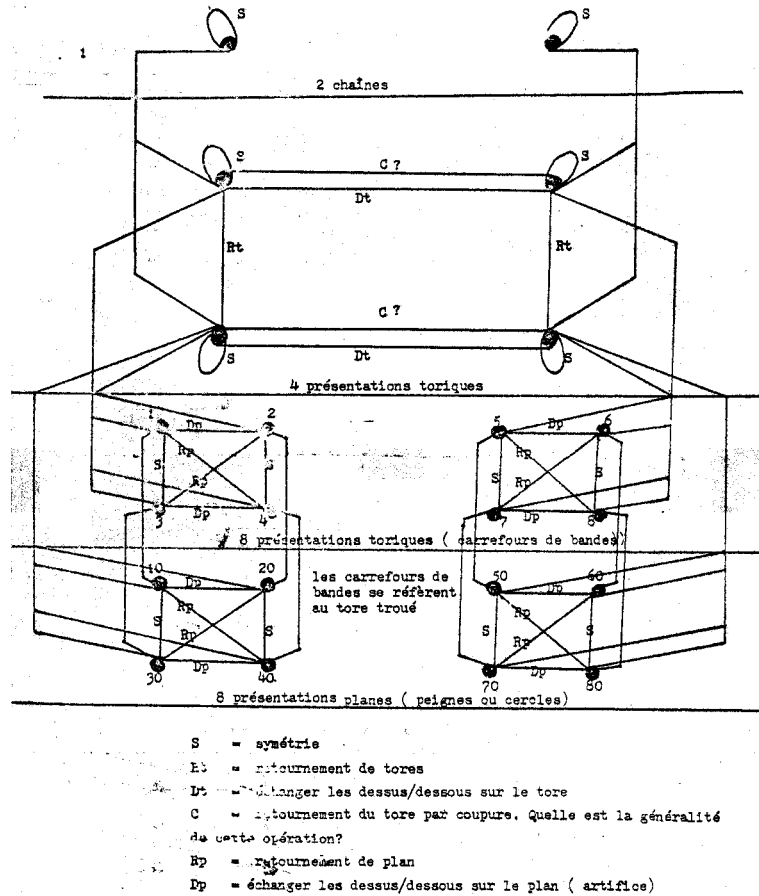


Como se pode ver nessa figura, o toro é capaz de ser virado, isto é, se pode desenhá-lo assim, ele se vira ao avesso e o resultado desse reviramento é algo que se apresenta assim em corte, ou seja, a alma do toro torna-se eixo. Em outros termos, isso que acaba de se fechar aqui e que no toro se torna eixo, indica que a alma é formada pelo redobramento do furo. Ao contrário, o reviramento por corte tem também por efeito transformar o toro permitindo virá-lo assim, igualmente com a substituição da alma pelo eixo.



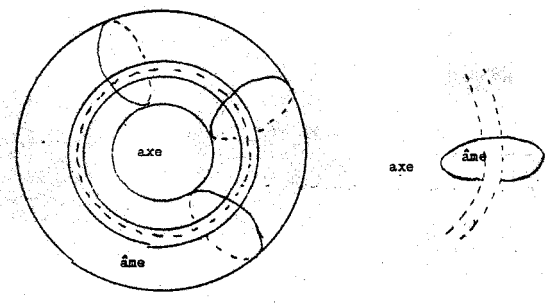
Parece-me que os dois casos são homogêneos. No entanto, me impressiona o fato de que Soury distingue o reviramento por corte do reviramento por furo. Dito de outro modo, o que se chama de cruzamento de bandas se refere ao toro furado. Nesse caso também o reviramento é tórico, isto é, feito de um furo.

Diagramme affiché par Soury au tableau



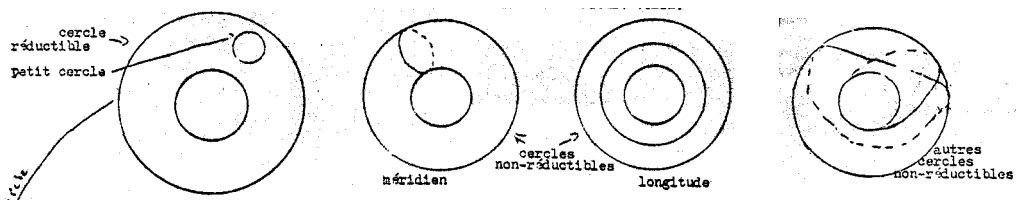
Idi (1) retournement se référant au tore troué

O que me impressiona é que o toro, aqui desenhado em perspectiva, tem por propriedade admitir um tipo de corte que é exatamente este. Se a partir desse corte se vira o toro, ou seja, se faz passar o corte por detrás do toro, o eixo permanece eixo e a alma permanece alma.



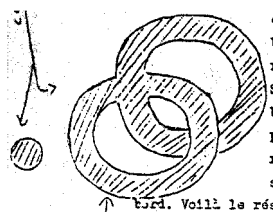
Há reviramento do toro, mas sem modificar o que se acha distributivamente o eixo e a alma - isto é o eixo. Será que isto é suficiente para permitir que o reviramento por corte opere de outro modo sobre o toro? É a questão que coloco. Vou dar a palavra a Soury para que ele possa defender sua posição e dizer o de que se trata.

Soury - Trata-se da diferença entre o furo [trouage, ato de furar] e o corte do toro. Além disso, trata-se da diferença entre o reviramento, o furo e o corte. Vou tentar apresentar a diferença entre furo e corte do toro, ocupando-me primeiramente em mostrar como isto pode servir para o reviramento, simplesmente mostrando como cortar e furar o toro são diferentes.



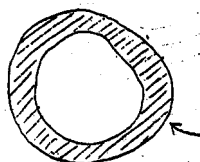
Desenho um toro. Círculos podem estar sobre o toro. Há círculos redutíveis, que são aqueles que por deformação podem ser reduzidos e há círculos não-redutíveis. Há também círculo meridiano, círculo longitudinal e há outros círculos. Desenhei um círculo sobre o toro que não é nem o círculo meridiano, nem o círculo longitudinal. Quando há um círculo sobre o toro é possível cortá-lo no comprimento desse círculo e o resultado... bem, o furo corta no comprimento de um círculo redutível e o corte corta no comprimento de um círculo não-redutível.

Quando se corta no comprimento de um pequeno círculo redutível o que resta? Resta, por um lado, um pequeno disco e, por outro lado, uma superfície de borda.

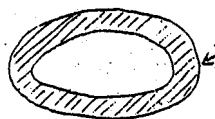


Este desenho representa uma superfície com borda. Ele é o resultado do furo. Dizer furo é não se interessar pelo pequeno disco que resta e dizer que o toro é furado quer dizer que é uma superfície com borda, o que está desenhado aqui.

Se o toro é cortado no comprimento de um círculo não-redutível, é isso o corte, mas o que é que resta? Não resta senão um pequeno pedaço. Vou dizer o que resta: resta uma banda mais ou menos amarrada e mais ou menos torcida. Vou desenhar o que resta de um corte meridiano. De um corte meridiano resta uma banda que não é amarrada nem torcida.

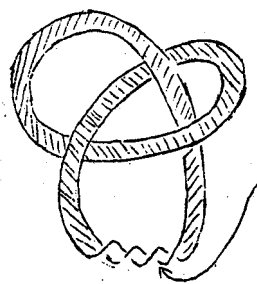


De um corte longitudinal resta também resta a mesma coisa: uma banda que não é amarrada nem torcida.



E estas são também superfícies com bordas. Mas há uma diferença: é que lá está uma superfície com uma única borda e aqui são superfícies com duas bordas. Se o corte é feito no comprimento de um círculo não tão simples como o círculo meridiano ou como o círculo longitudinal, então o que resta é uma banda, porém que é mais ou menos amarrada e mais ou menos torcida.

Mas, por exemplo, com um certo círculo se obtém uma banda que é amarrada em trevo e que é torcida. Não me lembro a torção correspondente, mas desenho, corre o risco de cometer um erro, isto é, não se trata de não importa que torção.



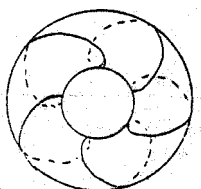
Em suma, é uma banda que é amarrada e torcida e é possível separar sua parte amarrada e sua parte torcida, ou seja, a amarração dessa banda pode ser representada por um nó, o nó de trevo.



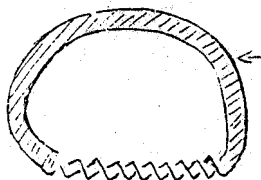
E a torção pode ser contabilizada pois é um certo número de voltas. No caso do trevo, creio que há uma torção de três voltas ou há três voltas de torção. Se não são três são seis, posso estar enganado. Enfim, não indiquei estas coisas para mostrar que se trata de bandas.

Portanto o toro cortado é uma banda mais ou menos amarrada, mais ou menos torcida, que dá alguns nós, mas não todos os nós, e dá alguma torção. Há certos círculos sobre o toro que Lacan mencionou. São círculos que ele colocou em correspondência com o desejo e a demanda. É possível localizar quantas vezes esses círculos dão voltas em torno da alma e em torno do eixo. Há muitos desses círculos, mas eles podem ser localizados e essa localização pode ser justificada.

Então, esses círculos que Lacan apresentou, são círculos que dão voltas apenas uma vez seja em torno do eixo seja em torno da alma, e depois várias vezes... por exemplo, desenho agora um círculo que dá volta uma vez em torno do eixo e várias vezes em torno da alma. Na verdade desenhei um toro que dá voltas uma vez em torno do eixo e cinco vezes em torno da alma



Se o toro é cortado de acordo com um círculo como este, o resultado é uma banda que é torcida, mas que não é amarrada, isto é, o toro cortado no comprimento de um círculo assim vai ter cinco voltas de torção e nenhuma amarração.

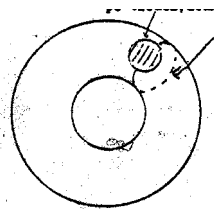


Corro o risco de me enganar, de confundir as voltas, as meia-voltas, mas me parece que desenhei uma banda que é torcida mas que não é amarrada e que os círculos que Lacan mencionou entre todos os círculos sobre o toro, foram o círculo meridiano e o círculo longitudinal que dão uma banda não amarrada, nem torcida e depois os círculos que correspondem ao desejo/demanda que dão uma banda torcida e não amarrada.

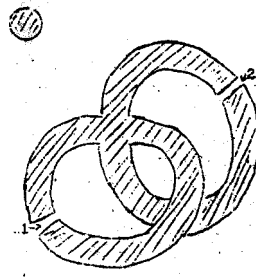
Isso já faz uma diferença entre furo e corte. Só há um modo de furar enquanto que há vários modos de cortar, tantos quanto círculos hajam sobre o toro. Como se mostrou nas figuras anteriores o resultado do furo é uma superfície com uma só borda e o resultado do corte são superfícies com duas bordas, embora seja uma superfície especialmente simples posto que é uma banda. Isso já é um modo de mostrar a diferença entre furo e corte. O toro furado e o toro cortado não são a mesma coisa.

Agora, vou me ocupar em dizer as diferenças entre furo e corte em relação ao reviramento. Em primeiro lugar, no corte o furo está implícito, quer dizer, no corte há muito mais do que remover apenas um pequeno furo. O corte pode ser apresentado como algo a mais que o furo, ou seja, é possível fazer primeiramente um furo e a partir desse furo cortar. Portanto, o corte pode ser decomposto em dois tempos: em primeiro lugar, furar e em seguida cortar a partir do furo.

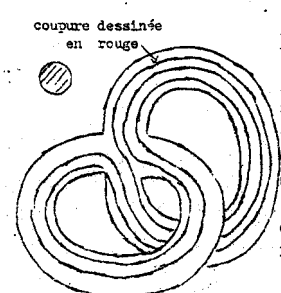
É possível fazer isso aqui, isso é um toro furado e o corte pode ser obtido em duas etapas: primeira etapa, furar, segunda etapa, cortar a partir do toro furado.



Vou mostrar os cortes mais simples a começar pelo corte meridiano. No toro furado, a distinção meridiano/longitude se perdeu, mas mostremos ainda assim um corte meridiano no qual é possível, por exemplo, cortar aqui [1]. É possível notar que uma vez cortado aqui só resta uma banda. É possível eventualmente imaginar deformações que podem ser absorvidas deixando como resto uma banda. Donde conclui-se a partir do toro furado que o corte meridiano deixa como resto uma banda. Do mesmo modo o corte longitudinal [2] também deixaria uma banda. Vou desenhar esses dois cortes.



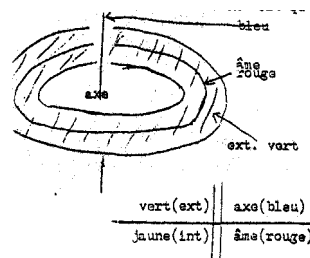
Fiz um corte que parte da borda do furo, que se aciona aqui: um círculo que faz duas voltas e três voltas em torno do eixo porque uma vez que o toro é furado, se perde a distinção entre interior e exterior assim como se perde a distinção entre alma e eixo; se perde não totalmente, vou voltar a esse assunto, mas não se pode mais distinguir meridiano e longitude.



Desenhei um corte do toro furado e a partir desse desenho posso restituir a banda amarrada e torcida. De acordo com certos procedimentos de desenho, é possível chegar a saber o resultado do corte, isto é, no caso escolhi um círculo que dá voltas duas vezes, por um lado, e três vezes, por outro,

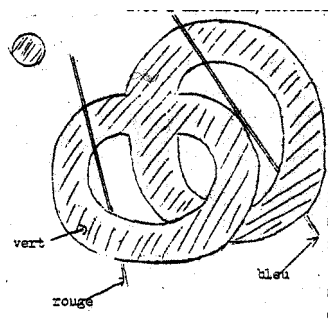
cujo resultado do corte será uma amarração em trevo. Não é um dos cortes mais simples e seu resultado é uma banda que é amarrada e torcida. Disse que o furo está implícito no corte, mas posso dizer de outra maneira: cortar o toro é muito mais que furar, ou seja, o espaço do furo que é criado é muito mais largo a partir de um corte. Por isso, tudo o que se pode fazer por furo se pode fazer por corte. Em particular o reviramento que se pode fazer por furo se pode fazer por corte. Porém, por corte há outros reviramentos que são possíveis. Há alguns reviramentos que não são possíveis por furo e que são possíveis por corte.

Chego então a poder dizer a diferença entre os reviramentos permitidos por corte e por furo. Para distinguí-los é preciso diferenciar a alma e o eixo por meio de cores: vou utilizar azul para a alma e vermelho para o eixo. É preciso também diferenciar as duas faces do toro porque o toro é uma superfície sem bordas mas que tem duas faces: vou utilizar verde e amarelo para as duas faces. Nesse desenho só se pode ver uma de suas faces, não se pode ver a face interior, a amarela. Há uma correspondência entre os pares alma/eixo e as duas faces. A face verde, que é a face exterior, esta em correspondência com o eixo e a face amarela, a face interior, está em correspondência com a alma.

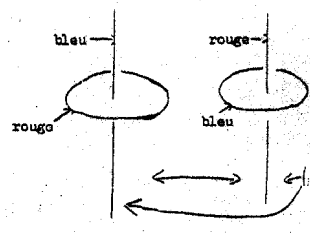


Introduzi dois pares, mas estes dois pares são atualmente - porque é isso que vai se perder - o par das faces e o par interior/exterior que estão ligados. Logo, a diferença entre corte e furo, entre reviramento por corte/reviramento por furo, enfim, uma diferença é que o reviramento por furo não toca, não muda esta ligação das duas faces com o interior/exterior enquanto que o reviramento por corte dissocia esta ligação.

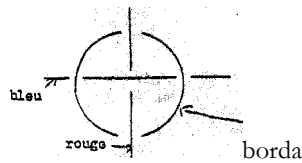
Vejam os ainda o que resta do reviramento por furo. Na apresentação do toro furado abaixo, não se vê senão uma única face, a face verde, mas há a face amarela que só apareceria por reviramento do plano.



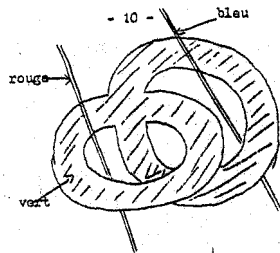
Atenção, porque falo nesse momento ao mesmo tempo de vários reviramentos, acabo de misturar reviramento do plano e reviramento do toro. Mas, aí está o toro furado. No estado do toro furado posso representar alma e eixo como dois eixos. Vou situar alma e eixo no toro furado. Tenho uma chance em duas de me enganar. A face verde corresponde ao eixo azul. Coloco o eixo azul à direita e do outro lado o eixo vermelho. Há duas razões para que desenhe dois eixos para o toro furado. Conservo do toro anterior apenas sua alma e seu eixo. Uma vez revirado, o toro terá como alma e como eixo isso que se vê no desenho abaixo.



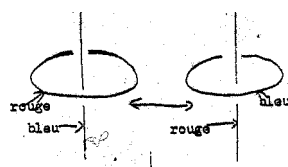
Logo, o reviramento do toro é a mudança da alma e do eixo, é a passagem de uma ao outro. Reafirmo que o toro furado é um estado com dois eixos, vou desenhá-lo de novo, mas como dobradiça, como intermediário. Eis aí o toro furado, superfície com dois eixos, mencionado em outra versão na qual se destaca o círculo borda do furo.



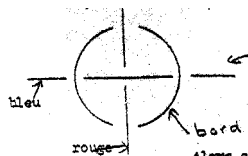
No desenho anterior se conservava a superfície com borda e neste, abaixo, se conserva apenas a borda.



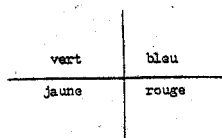
O que está no meio faz dobradiça na operação de reviramento, de mudança da alma e do eixo. Menciono esta figura porque há nela uma configuração borromeana, isto é, o interior, o exterior e a borda do furo formam uma configuração borromeana. E, finalmente, afirmo que neste estado intermediário, que é um estado intérimo, um estado dobradiça entre o interior e o exterior, estão a alma e o eixo do toro. Aqui, interior e exterior se diferenciam.



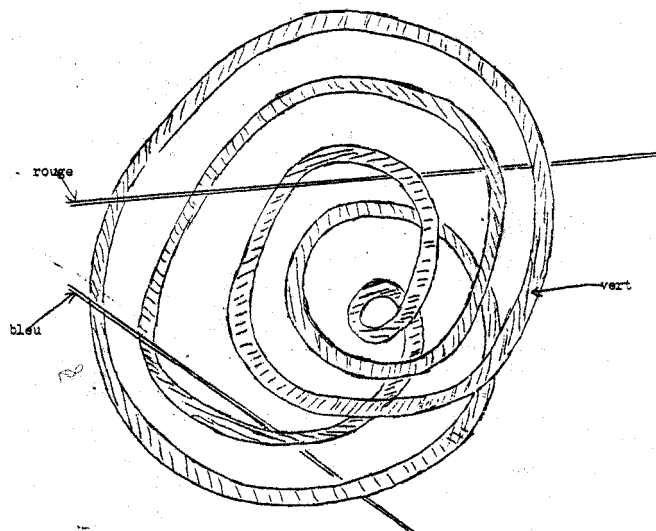
Aqui, interior e exterior não se diferenciam, o par interior/exterior estão em um estado de vacilação, ou no estado do toro furado, no qual a distinção interior/exterior se perde.



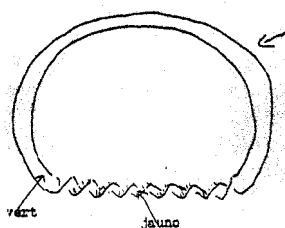
Tudo o que disse até aqui foi acerca do toro furado. Agora deixo de lado este esquema da correspondência e retomo o esquema do início, da correspondência entre o par das faces e o do interior/exterior. Há o verde que corresponde ao azul e o amarelo que corresponde ao vermelho.



Quando o toro é cortado, embora não saiba de memória como são dispostos, vou desenhar um toro cortado, vou desenhá-lo como uma banda amarrada e torcida obtida pelo corte do toro.



Para indicar que isto é uma banda coloco pequenos traços embora não em toda parte. Isso é uma banda amarrada e torcida obtida pelo corte do toro. O que era antes alma e eixo agora são dois eixos, os dois eixos interior/externo e o par de faces. Tal como está desenhada mais uma vez, nesta banda só se vê uma face. Não é por acaso, mas porque privilegio sistematicamente os desenhos em que se vê apenas uma face. Eis aí a banda amarrada e torcida, com uma face amarela e uma face verde, na qual só se vê a face verde. Vou, no entanto, desenhar as duas faces porque vamos utilizá-las em outro caso. Tinha desenhado anteriormente uma banda que não era amarrada e que era torcida, mas aí se vê as duas faces, isto é, na ocasião da torção se vê a outra face, se vê a face amarela e a face verde.



Isso é para mostrar que em um desenho de superfície com borda, as duas faces podem aparecer. Por acaso em alguns desenhos só se vê sempre a mesma face.

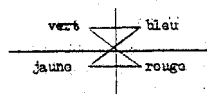
A banda anterior mostra os dois eixos interior/externo no toro cortado. Não sei se é possível imaginar que nesta banda o par amarelo/verde tornou-se independente do par azul/vermelho, ou seja, que nesta banda é possível dar uma meia-volta no sentido do comprimento e isso será sempre o mesmo objeto, e a face amarela jogará sempre o mesmo papel que a face verde. Nessa situação do toro cortado com seus dois eixos, o corte das duas faces, verde e amarela, e o par interior/externo, azul e vermelho, tornam-se independentes. O que indica algo sobre a diferença dos dois reviramentos é que, no reviramento por furo, mudam-se o interior e o exterior, mudam-se as duas faces, muda-se o conjunto, isto é, no momento em que muda o par interior/externo muda também as duas faces, ou seja, quando

se revira este toro colorido em amarelo e verde, se o exterior era verde em seguida será amarelo. No reviramento por furo se inverte simultaneamente as duas faces e o interior/exterior.

Ao contrário, o reviramento por corte permite dissociar esta ligação, isto é, uma vez o toro cortado, é possível fechá-lo de novo. Em vez de ver o toro furado ou o toro cortado como um intermediário, vou descrevê-lo diferentemente, pois o toro furado pode ser fechado novamente de dois modos diferentes, e o toro cortado pode ser fechado novamente de quatro modos diferentes.

Hesito entre dois modos de formular esta questão: um modo em que o toro furado ou o toro cortado aparece como um intermediário entre dois estados do toro e outro modo de falar em que os dois estados do toro são descritos como dois modos de fechar esta superfície com borda.

Então, uma vez o toro cortado, é possível fechá-lo de novo de múltiplas formas, isto é, é possível fecha-lo como se fosse o toro original, ou seja, com o eixo exterior azul e a face exterior verde. Mas também é possível fechá-lo não importa como, ou seja, com o eixo exterior vermelho e a face exterior verde ou amarela, ou ainda, há quatro modos de fechar este toro cortado combinando-se todas as formas possíveis, para fixar o par azul/vermelho no interior/exterior, na alma e no eixo e para fixar o par verde/amarelo em face interior e face exterior.



Portanto estas historia de pares, binários, acho muito difícil apresentá-las por meio de considerações de exatidão, ou estas histórias de pares e de binários são sempre ligadas a histórias de exatidão.

Lacan - O verde pode se associar ao azul e ao vermelho...

Soury - Sim, sim

Lacan - e de um outro lado, o amarelo pode também se associar ao azul e ao vermelho.

Soury - Sim, sim.

X - Será que o que você diz é verdade também para um corte simples, como o corte meridiano ou o corte longitudinal?

Soury - Sim, sim.

X - Quer dizer que a separação entre verde e amarelo e o eixo e a alma, é igualmente verdadeira para um corte simples.

Soury - Absolutamente.

X - Porque aí você mostrou para um corte complexo, mas você poderia mostrar para um corte simples como...

Soury - Sim, é verdade que é a mesma coisa seja para um corte meridiano, seja para um corte longitudinal, se produz a mesma coisa que em um corte em geral, ou seja, a dissociação do par das faces e do par interior/exterior.

X - Você poderia mostrar isso em um corte meridiano simples?

Soury - Sim, sim, tudo bem...

Lacan - Quem me enviou esse papel? É alguém que assistiu os trabalhos práticos de Soury.

Y - Sou eu.

Lacan - Quem é? São vocês dois? Escutem, estou muito interessado neste objeto \mathcal{A} e no outro que você desenhou com uma estrela; quero dizer, o objeto \mathcal{A} e o objeto que está designado assim, e eu gostaria muito de saber o que você tirou do que Soury explicou hoje. Se você vier me dizer ficarei contente.

\mathcal{A} *

\mathcal{A}

Y - O que Soury mostra é efetivamente um erro que havia no papel.

Lacan - Como? No papel que você me enviou?

Y - Ou seja, não era efetivamente um reviramento por furo mas um reviramento por corte.

Lacan - É isso. Estou contente de saber, porque quebrei a cabeça com este erro. Creio que Soury satisfez plenamente nossas expectativas e eu continuarei da próxima vez.